

ECONOMIA

Taxa de desemprego a 10,9%

IBGE muda pesquisa e número de desocupados no país dobra, chegando a 2,2 milhões

Cássia Almeida e Ana Cecília Santos

A taxa de desemprego saltou para 10,9% em novembro, depois que o IBGE mudou a Pesquisa Mensal de Emprego e conseguiu captar melhor a desocupação nas seis regiões metropolitanas acompanhadas pela pesquisa. Pelo levantamento anterior, o percentual de desempregados em relação à força total de trabalho foi de 7,1% no mesmo mês, segundo o instituto, que divulgou ontem os números das duas pesquisas. A taxa de desemprego mudou de patamar: a taxa média no ano (janeiro a novembro), antes em 7,3%, saltou para 11,8% com a nova medição:

— O que mudou não foi a febre; foi o termômetro. Esses desempregados já existiam, mas a pesquisa antiga não conseguia captar — comentou Marcelo Neri, economista da Fundação Getúlio Vargas.

As mudanças metodológicas fizeram o número de desempregados dobrar na comparação das duas pesquisas. Até agora, acreditava-se que existiam 1,19 milhão de desocupados nas seis regiões. Agora, são 2,2 milhões:

— O maior impacto veio do tempo de referência para procura de emprego. Antes, o entrevistador perguntava se a pessoa procurou emprego na última semana. Agora, pergunta se procurou no último mês, o que fez aumentar a taxa em, pelo menos, 10% — explicou Marta Mayer, diretora de pesquisa do IBGE.

Rendimento que caía, agora sobe

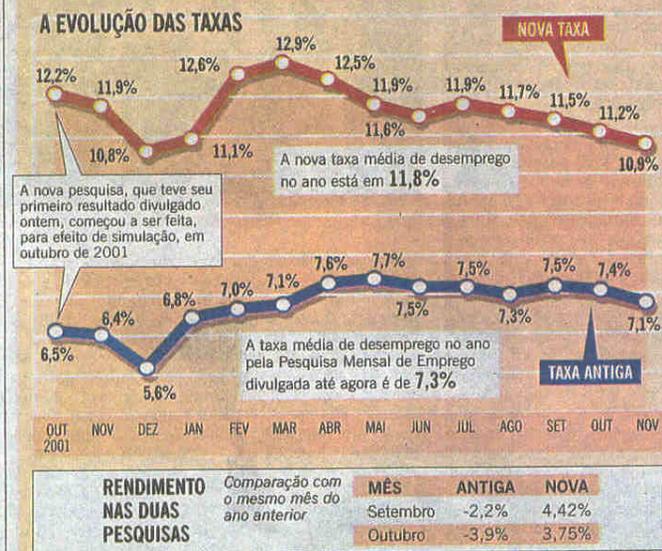
• A pesquisa também reduziu o piso para a pessoa considerada em idade ativa, ou seja, disponível para o trabalho: passou de 15 para dez anos. Outra mudança que contribuiu para o aumento da taxa foi a abrangência geográfica. A atualização do desenho das regiões metropolitanas acrescentou mais um município à região do Recife, mais nove à de Belo Horizonte; e mais seis à de Porto Alegre:

— Conseguimos explicar apenas 20% do aumento da taxa. O restante, acreditamos que o questionário mais completo e a forma de fazer as perguntas tornaram melhor a identificação do desempregado — disse Marta, do IBGE.

Porém, enquanto o desemprego subiu de forma expressiva, o rendimento, que mostrava queda desde janeiro de 2001, agora sobe pela nova pesquisa. Nos dois meses em que é possível fazer a comparação com o mesmo mês do ano anterior (as duas pesquisas foram feitas simultaneamente desde outubro de 2001), o comportamento da renda real do trabalho é diferente nas pesquisas.

Em outubro, último dado disponível, o rendimento pelo levantamento anterior caía 3,9%; pelo novo, subia 3,75%. São duas explicações do instituto para a mudança radical no desempenho do salário. O primeiro e mais importante foi a mu-

Conheça o impacto das mudanças



QUE PESQUISA É ESSA?

A Pesquisa Mensal de Emprego é feita nos domicílios de seis regiões metropolitanas do país: Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Ela calcula o percentual das pessoas que estão desempregadas e procurando trabalho do total da força de trabalho das regiões pesquisadas, a chamada População Economicamente Ativa (PEA), que reúne as pessoas que trabalham e as que estão procurando trabalho. Ela mede também a variação do rendimento mês a mês.

AS MUDANÇAS QUE FIZERAM A TAXA DE DESEMPREGO AUMENTAR

- A nova pesquisa considerou desempregada aquela pessoa que procurou trabalho nos últimos 30 dias. No modelo anterior, o período era de uma semana.
- A população em idade ativa, aquele que estaria disponível para trabalhar, diminuiu de 15 anos para 10 anos.
- Houve uma atualização no desenho geográfico das regiões metropolitanas. Na pesquisa antiga era de 1991, agora é de 2000. Isso fez aumentar região de Recife, que ganhou mais um município; a de Belo Horizonte, mais nove; e a de Porto Alegre, mais seis.

Fonte: IBGE

Marco Antônio Teixeira



ELIUDE LOPES da Silva, desempregada há dois anos, está fazendo cursos de especialização para conseguir uma vaga de R\$ 300

dança do deflator (o índice usado para anular os efeitos da inflação nos ganhos do trabalhador). Na pesquisa antiga, usava-se o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC). No cálculo atual, o instituto considerou a corrosão da inflação nos salários em cada região metropolitana, usando o índice de preços da cidade. Para o indicador englobando as seis regiões, o IBGE usou uma média apurada entre as cidades acompanhadas pela pesquisa. O INPC leva em conta 11 regiões para apurar a inflação da fatia da população que ganha até oito salários-mínimos mensais.

— Essa forma de deflacionar é mais correta e precisa do que a anterior — afirmou o economista da

PUC, José Márcio Camargo.

Enquanto os trabalhadores ganharam em média R\$ 797,82 na pesquisa antiga, com a mudança, o rendimento subiu para R\$ 857,10.

— A nova pesquisa conseguiu também captar melhor a renda dos trabalhadores, principalmente dos conta-própria e dos empregadores, o que também explica a mudança — disse Shyrilene Ramos, do IBGE.

Rio perde posto de menor desemprego

• As mudanças no acompanhamento do mercado de trabalho tiraram definitivamente do Rio o posto de

menor taxa de desemprego entre as regiões. Porto Alegre assumiu o lugar. Desde o início da série da nova pesquisa — outubro de 2001 — o desemprego na capital gaúcha é menor. Em novembro, enquanto os desocupados respondiam por 7,9% da força de trabalho em Porto Alegre, no Rio atingia 9,5%. A recepcionista Eliude Lopes da Silva, de 31 anos, é um exemplo. Desempregada há dois anos, tenta agora melhorar a formação para conseguir uma vaga.

— Preciso continuar me atualizando, pois a idade já pesa contra mim. Em alguns locais em que procurei emprego não fui aceita porque queriam alguém com até 25 anos. Espero encontrar algo na faixa salarial que ganhava, de cerca de R\$ 300. ■

Subocupação e desalento medidos

• A nova Pesquisa Mensal de Emprego mostrou fenômenos do mercado de trabalho até então não calculados pelo IBGE: subocupação e desalento. No primeiro indicador, as pessoas com trabalho precário pela insuficiência de horas trabalhadas na semana — menos de 40 horas — representaram 3,6% do total de pessoas trabalhando. Isso significa que há 655.434 trabalhadores nessa condição nas seis regiões metropolitanas. A maior taxa de subocupados foi encontrada em Salvador: 6,5%. E a menor em São Paulo, 2,5%.

Os desalentados, aqueles que desistiram de procurar trabalho por não conseguirem encontrar uma vaga, somam 31.948 pessoas. Pelo critério da nova pesquisa, para ser considerado desalentado, o trabalhador precisa ter procurado emprego durante seis meses seguidos no último ano.

A partir de agora, o IBGE só vai divulgar a taxa de desemprego com a nova metodologia. E as comparações históricas vão se limitar a outubro de 2001, quando começou o novo cálculo. A pesquisa antiga começou em 1982. (Cássia Almeida)